

Redacção e Administração
Associação Académica de Coimbra

Direcção e propriedade
Jorge de Moraes e António Cruz (editor)

Composto e Impresso
Casa Minerva — Coimbra

Porque não?

Porque não havíamos de surgir? Porquê? Deixarmo-nos cristalizar na rotina banal do nosso meio, sem um grito, um alarme uma reacção de energia?

Compreender o déficite da nossa esfera associativa perante a larga divulgação que o Sport precisa e quedar-nos, úteis e novos, na inércia irritante que, em vez de produzir, estimular, apenas conjrange, mata?

Não. E foi precisamente a coacção dessa atmosfera corriqueira, baixinha, que nos estimulou e nos trouxe à estacada, que se nos antepôs com a magnificência dum dever impróvel, irta, expressiva como uma ordem, sugestiva como o inevitável.

Assim, perante a deliberação de lutarmos, de produzirmos, algo onde a personalidade existisse, proveitosa para a sociedade e para nós, obsecámo-nos com a ideia desta publicação, empreza cujo alcance moral e educativo, não nos escapou.

Certamente irradiará luminosa pelo País, espalhando o gérmen do estímulo, mostrando a noção do Belo pelo cultivo da vida, a conquista da vida pela apologia do desporto.

Sport é sinonimo de virilidade, é a maior expressão educativa desse predicado, mais que nenhum, fiança do triunfo: Querer!

Praticar sport é seguir o curso superior da vitória: Nem pode deixar de ser assim um curso cuja melhor missão é que melhor ensina... ganhar.

Dominados por estes sentimentos resolvemos publicar o modesto Atleta.

Das barreiras a vencer, apenas talvez, outros teimosos D. Quixotes desta batalha da imprensa darão conta. Mas embora: Urgia vencer, surgir exuberante, trazer à campa-

nha da terapeutica moderna do Sol, do Ar, da Agua — da Natureza — em suma, a moeda do nosso esforço, a contribuição da nossa energia excessiva e disponível. Porque então, nós havíamos de surgir?

Resolvemo-nos.

A seiva das suas páginas — a mais flagrante — será uma cuidada e preciosa documentação, propellida pela competência técnica dos nossos melhores peritos nas respectivas secções.

Integrados nesta norma, basilaramente técnica, depurados do cabotismo, temos o máximo prazer em nos apresentarmos.

Possuimos, na especialidade, colegas de crónica honrosa, cuja acção noticiária é digna, mas por vezes clubista e facciosa, em detrimento do desporto Acaadémico!

Ao Sport Académico faltava um Orgão que lhe fizesse justiça. Trazemo-lo nós. Sem vaidade, modestamente. Mas convictos e resolutos.

Os nossos processos serão: uma saída semanal ininterrupta, focando o flagrante de toda a modalidade desportiva, com preferéncia por todas cultivadas em Coimbra.

De uma lisura moral sempre exi-bível, seremos acompanhados indefectivamente pelo carinhoso interesse de nomes garantidores duma acção superior e imparcial a dentro das nssas colunas — embora estas sejam sempre livres á polémica alta de significado técnico.

Eis como seguiremos...

Para a Imprensa, naladido nesta luta, exhibicionista sim, mas de tra-vores e desilusões íntimas nem sempre apreçadas, a nossa solidariedade e a nossa estima de irmãos novos.

CANDIDO FRAZÃO

ATENÇÃO

Todo o original deste suplemento é o que devia aparecer no primeiro número de *Atleta*, que por não ter a documentação necessária, não pôde vir hoje a lume, como estava anunciado.

Coimbra, que sabe o interesse com que o público desportivo espera o *Atleta*, e calcula a arrelia que não constituiria a não saída do mesmo jornal, oferecendo as suas colunas a Cândido Frazão, julga prestar uma obra de solidariedade académica e jornalística.

Redacção do Coimbra

■ ■

Sairá definitivamente no próximo domingo o *Atleta* considerando-se seus assinantes todos os que não devolverem este suplemento, e seus anunciantes todos os anunciantes que figuram neste número.

JOSÉ PICÃO

Na passada quarta-feira, conclui a sua formatura em ciências, o velho amigo José Picão, antigo jogador de basket da Associação Académica.

Um grande abraço de felicitações.

ARMANDO CORREIA

De regresso de Loarenço Marques, onde foi consorciar-se, já se encontra entre nós o excelente jogador da A. Académica, Armando Correia.

Vélo d'Oiro

Grande "Dancing" -- Aberto toda a noite

Avenida Navarro, 53

COIMBRA

(Em frente ao Parque da Cidade)



Esmerado serviço de Bufete
a preços de concorrência

NOVA LEITARIA ACADÉMICA

DE

Joaquim Inácio

7, Rua Larga, 9 -- Tel. 117

COIMBRA

★ ★ ★

A Leitaria

mais frequentada
pelos Académicos

Bolachas e Biscoitos

DA

NACIONAL

A

A GRANDE MARCA PORTUGUESA

CAFÉ ACADÉMICO

DE

FAUSTO ROXO



Lanches,

Pequenos almoços,

bilhares, etc., etc.

Rua Larga, 19

COIMBRA

ARNAUT FERREIRA

Encadernador

★ ★ ★

Pastas de luxo e de Calfe

Venda de pastas e fitas

para todas as faculdades

★ ★

Rua Borges Carneiro, 57

COIMBRA

IMAGENS SONORAS

A Canção de Lisboa

POSTAIS

por MARCOLINO REIS

Ex.^{mo} Senhor Cotinelli Talmó

Vi o seu filme, um filme alegre, um filme que dispõe bem. Confesso que ao sentar-me na minha cadeira, tremia. Julguei que ia assistir a outra experiência falhada. Apareceram as primeiras cenas e deixei de tremer. Aquela apresentação de Lisboa é simplesmente maravilhosa.

O filme foi correndo nas bobines e à medida que corria aumentava o entusiasmo no público e aumentava o meu entusiasmo.

Eu bem sei que o filme tem defeitos.

— Tem cenas demasiado teatrais?

— Tem falhas na movimentação das massas? — Tem cenas forçadas?

— Tem deslises na interpretação?

— Tem quebras de continuidade?

Mas que é tudo isso comparado com a beleza da fotografia, com as maravilhosas paisagens de Cintra, com a sonorização, com a graça dos diálogos, com a beleza da música? E o certo é que os defeitos se esquecem em face da alegria comunicativa do Vasco Santana, da graciosidade da Beatriz, do à vontade de António Silva.

E, de certo, V. quiz fazer apenas um filme alegre, um filme que fizesse esquecer, ao grande publico, as agruras da vida. Conseguiu-o. O seu filme tem troça a rodos. O público, o grande público, riu a bom rir. E isto deve ser-lhe mais proveitoso que a opinião de todos os criticos.

Deixe falar os derrotistas. V. tem talento. Continúe, continúe sempre... E, para terminar, permita-me um conselho: Não permita que lhe chamem Fritz Lang português, Pabest luso ou René Clair nacional. Deixe chamar isso a outros que se envaidecem e não o merecesse.

Você, Telmo, não precisa de ser comparado a qualquer realizador estrangeiro e não precisa porque

tem talento, tem talento e tem estilo pessoal.

De V. etc. — **M. R.**

*Dona Beatriz Costa e minha
Ex.^{ma} amiga.*

Vi a «Canção de Lisboa», e mal andaria comigo mesmo se não lhe



A vedeta portuguesa BEATRIZ COSTA

dirigi se neste postal, um postal escrito sob a impressão agradável que o filme de Telmo me deixou.

Lembro-me ainda de há três ou quatro anos lhe dizer no seu elegante camarim do sonoro.

Não me enganei. Passados tempos, fazia V. «A Minha Noite de Núpcias», que foi um sucesso. Agora, fez a «Canção de Lisboa». Mal não andou Telmo ao escolhê-la. V. sonhe ser amorosa, sentimental sem ser piégas, soube fazer cinema.

Nas cenas passadas no Grémio

Dr. Barbosa Girão, sonhe ser desastrada propositadamente. Foi uma costureirinha ao mesmo tempo engraçada e triste Engraçada quando dos arrufoos com o Vasco. Triste quando o amoroso Vasco a deixa. V. sonhe ser artista. Sonhe exteriorisar os seus sentimentos.

Creia, Beatriz, que me entusiasmei a sua interpretação. E continuo afirmando que V. é artista, artista desde a biqueira elegante dos seus sapatinhos elegantes até à franja, essa franjinha que é, por assim dizer, um dos seus maiores atractivos. Receba, pois, as felicitações do amigo e admirador:

M. R.

Ex.^{mo} Senhor Vasco Santana.

Grande parte do exito da «Canção de Lisboa» pertence-lhe de direito.

O Vasco soube ser um estudante cábula, boémio, um *bom ponto*, como certa menina lhe chamou.

O Vasco Leitão, o estudante estroina, o estudante que todos nós, estudantes, conhecemos, alegrou o filme de principio a fim.

Há, na «Canção» pormenores interessantes, alguns dos quais se lhe pertencerem.

Gostei de o ver trabalhar em cinema, como, afinal, gostei de ver Antonio Silva, Alfredo Silva, Santos Carvalho, etc.

E, de certo, neste filme, os actores teatraes mostraram ser melhores actores cinematográficos do que os outros, aqueles que nunca pisaram o palco.

Todos os actores teatraes que entraram neste filme são elementos a aproveitar em futuras produções. E o Vasco mais do que nenhum...

Perdõe-me este postal, um postal simples, um postal sem frases bombásticas. E só espero poder voltar a vê-lo noutra produção da T'bis...

De V.:

Marcolino Reis.

Cinemas

AVENIDA

A Canção de Lisboa

SOUZA BASTOS

A Severa

TIVOLI

Viva a Marinha

Uma entrevista sensacional!

Clamar a nossa imparcialidade só não basta. E' preciso prova-la.

E' por isso que Atleta entrevista hoje o sr. Alfredo Figueiredo, delegado do União F. C. á Assembleia Geral da A. F. C. e Presidente do Colégio de árbitros do Porto, para demonstrar publicamente que não nutre qualquer má vontade, o menor acinte, contra o União, velho e eterno rival da Academica.

O União sente-se lesado, proclama em voz alta a sua revolta contra a deliberação da A. F. C., e portanto era necessário ouvi-lo,urgia escuta-lo para que o público soubesse as razões de suas queixas, e nós pudessemos formar a nossa opinião para avaliarmos convenientemente até onde são atendíveis ou não as suas reclamações.

O que o leitor vai ler é o que o sr. Alfredo Figueiredo, com todas as responsabilidades do seu nome, nos disse.

Será a verdade? Serão justas e razoáveis as suas afirmações? Serão convenientes os seus argumentos?

Por hoje só escutamos.

Alfredo Figueiredo, delegado do União à Assembleia Geral da Associação Foot-Ball de Coimbra, diz as suas opiniões sobre o conflito, aos leitores do *Atleta*.

A nossa primeira pergunta; ei-la:

— Qual a origem do conflito?

— Quanto a mim, a má visão no árbitro o seu desconhecimento das leis e do jôgo, a sua falta de competência, o seu temperamento nervoso, a sua indelicadeza e agressividade, que presidiu ao seu contacto com os jogadores e... por último o mêdo.

A lei IX, que depois da que regula a das deslocações, é a que mais compromete o trabalho dos nossos árbitros, necessita de ser bem compreendida para ser bem cumprida.

Nos dez minutos de jôgo que tivemos deixou de marcar faltas que o mereciam ser, para nos oferecer uma grande penalidade que, quanto a mim só na sua mente existiu. Não me parece legítimo que um árbitro esqueça que não deve abusar da marcação de grandes penalidades.

Assim, quantas vezes as faltas cometidas são desproporcionais à marcação de tal castigo! De resto, entendendo que apenas devia ter sido assinalada uma deslocação ao interior direito académico, a despeito de poder merecer grandes reparos o empurrão de Leonardo a Albano, conhecida a razão de tal empurrão...

— Mas, então, acha legitima a

atitude de Leonardo, batendo ao árbitro?

— Não posso deixar de censurar, esta atitude de Leonardo. Certo que o árbitro lhe deu um encontro, que discutiu e gesticulou — o que não é recomendado — mas tudo isso não autorisa uma agressão.

Se Alvaro Santos fôsse consciencioso o conflito terminaria com a expulsão de Leonardo. Se outros jogadores unionistas discutiram foi porque o árbitro a isso os levou. Ninguém de boa fé, disso estou certo, terá retirado do campo sem o reconhecimento da falta de motivos razoáveis para a atitude do juiz terminando o jôgo.

O Ex^m. Sr. Comissário focou com imensa verdade e felicidade essa resolução.

Interessante é frisar-lhe ainda o facto do sr. Alvaro Santos se ter recusado a continuar a dirigir o encontro, por não se achar em condições de o fazer, ao mesmo tempo que confessava a sua precipitação ao marcar a grande penalidade que classificava de pesada.

Alem de tudo isto não correspondeu á confiança que nele depositava o próprio público...

— Julga a Associação Academica culpada do conflito?

— De forma nenhuma posso, de qualquer maneira culpar a Associação. Os seus jogadores ficaram ordeiramente em campo e não nos passou despercebida a contrariedade de todos eles em face de tão pequeno encontro. Impressionou-me até a atitude de Albano procurando que o árbitro continuasse o jôgo.

— Como classifica a desistência do União?

— Classifico essa desistência de infeliz.

A explicá-la apenas a deliberação iniqua, atentoria do bom desportismo e Regulamentos, que tomou a A. F. C. a par do muito entusiasmo, entusiasmo que quasi sempre cega — que sempre preside a reuniões com aquelas características.

— Diga-nos a sua opinião acerca da assembleia geral onde foi tratado o assunto?

— Essa assembleia entristeceu-me. Desiludiu-me. Os argumentos, a boa razão, os interesses do foot-ball de Coimbra, foram esquecidos, despresados. Delegados mortos, surdos e mudos... de regeitar e... para regeitar, nestas coisas da bola.

Julgo que se todos se tivessem libertado de clubismo, de atritos velhos e, peor que tudo, daquilo que lhes pareceu conveniente e util para uso de suas colectividades, teria sido aprovada a moção que apresenta.

Mas... deixa que lhe confesse a convicção em que estou, de que os senhores delegados assim votariam se tal indicação lhes fôsse dada por José Saraiva ou Armando Sampaio. Por isso o culpo como a ninguém do que ontem se passou. Parece-me que não seria de mais esperar dêles outra atitude...

O conhecimento de que o juiz de campo mentiu, que acabou sem razões inferiores o jôgo, que se não fizera o indispensável inquérito para apuramento da verdade, que se castigaram jogadores sem que fôsem, préviamente, ouvidos, etc.; eram motivos mais que bastantes para que a assembleia desse sinais de vida, de independência e de isenção.

— Qual a atitude do seu club perante a deliberação da Assembleia Geral?

— Antes de mais nada devo declarar-lhe que o meu Club não é o União, mas sim o Académico do Porto.

Aqui em Coimbra se simpatia tenho por algum club essa é para a Associação Académica, porquanto a ela me ligam gratas recordações de estudante que fui da Universidade de Coimbra.

Da atitude que o União assumirá agora não posso dizer-lhe nada de positivo. Mas a avaliar pelo que me dizem e pela indignação que lavra na familia Unionista, que-re-me parecer que retiram das competições officiais. Em meu entender deviam apelar para a Federação, continuando a participar do campeonato?

— Mas o União contrariou a proposta apresentada e deferida por um elemento da A. Academica para a vinda dum árbitro de fóra.

— Se Abel Castela, representante do União contrariou a vinda dum árbitro de fóra foi concerteza como julgo ter ele declarado, por necessidades de ordem económica.

Pena foi porque, possivelmente não estaríamos lamentando tudo o que se está passando.

Por fim Alfredo Figueiredo, o Tip-Top da Gazeta, oferece-nos um "português suave"...

Esta é de pasmar!...

Pessoa de absoluta probidade, informou-nos que numa das ultimas reuniões do Comité Executivo do Colégio de Arbitros, o sr. A. L. declarou que, como bom unionista punha o seu club acima dos interesses do colégio.

Em face da declaração venenosa deste cavalheiro, perguntamos:

¿Quê fará a proxima Assembleia Geral do Colegio dos Arbitros?

Certamente irradia-o, para não o elevar á categorias de... sócio honorário.

Basquet-ball

Campo da Arregaça

2.ª jornada para o campeonato de Coimbra

PRIMEIRAS CATEGORIAS

União, 6 — Ateneu, 6

Jogo tecnicamente fraco, mas rico em energia, dureza e por vezes esmaltado de violências. Por este motivo o encontro perdeu grande parte do seu valor, havendo poucas fazes dignas de registo.

O árbitro, Carlos Leça, esforçou-se para que o jogo não enveredasse para o caminho da violência, marcando continuamente faltas pessoais, tendo Oliveira, do Ateneu, sido obrigado a abandonar o campo por ter completado 4 faltas.

A 1.ª parte terminou com um empate de 4 pontos, marcando cada grupo, na segunda parte mais 2.

Este resultado tão escasso deve-se em parte à preocupação que os jogadores tiveram em "caçar o homem em vez da bola".

Os grupos tiveram a seguinte constituição:

União: Dôres, Arrôbas (cap.), Adriano, Monteiro e Agostinho.

Ateneu: Almeida, Oliveira, Matos (cap.), Pimento e Marçal.

Os marcadores foram: pelo Ateneu, Oliveira (2) e Matos (4).

Pelo União: Adriano (4) e Agostinho (2).

Nacional, 11

S. Municipalizados, 3

O Nacional não teve grande dificuldade em sair vencedor do seu antagonista, pois este não possui um grupo homogêneo.

Alguns jogadores precisam ainda de muitos treinos e de quem lhes ministre os conhecimentos indispensáveis a quem se inicia neste desporto. Nos S. M. destacou-se Lopes. No Nacional todos contribuíram para a vitória.

TOBIAS.

Victoria, 10

Santa Clara, 8

Victoria — Manoel Pinto, Miguel Duarte, Adriano Reis, Brandão, José Lopes.

Santa Clara — Ray Vale, Brago, Leite, Afonso Brago, Porfírio.

A primeira parte deste jogo terminou com 10-0 a favor do Victoria que não fez pontos na segunda parte.

A reunião da Assembleia Geral da A. F. C.

Notas à margem desta assembleia

Como estava anunciada realizou-se na passada sexta-feira pelas vinte e uma horas, uma Assembleia Geral da A. F. C., para tratar:

1.º — da eleição do presidente da Direcção;

2.º — da nomeação dos sócios de mérito;

3.º — do conflito com o União.

Cem a presença de Delegados de todos os clubes, foi pelo presidente, sr. Dr. Antonio Leitão, aberta a sessão. Mandada ler a acta da sessão anterior, esta foi aprovada por unanimidade. Entrou-se depois nos assuntos do dia, tendo sido proposto para presidente da Direcção os senhores: Tenente Carlos Maria Carmo, pela direcção da A. F. C. e Dr. Castro Pita, pelo União.

Feita a votação foi escolhido, por esmagadora maioria, o sr. Tenente Carmo.

Para nomeação de sócios de mérito foi escolhida uma Comissão, composta por delegados de todos os clubes, visto a A. F. C. não possuir registos anteriores a 1926.

Entrou-se, por último, no mais importante assunto da noite — o caso do União.

No início houve acalorada discussão a fim de conhecer a competência da assembleia para resolver o assunto, dado o facto do União não ter recorrido da decisão da A. F. C., como os Estatutos o exigem. A assembleia resolveu por fim, tomar conhecimento do assunto.

O delegado do União, sr. A. Figueiredo, concluiu pedindo a aprovação duma moção por ele apresentada, na qual resumidamente, dizia que devia ser anulado o jogo Académica-União, não ser levada em conta a falta de comparência do União no encontro com o Sport C. Conimbricense e ser castigado o jogador Leonardo.

Esta moção foi rejeitada pela Académica, Sport, Santa Clara, Nacional e Atletico; e aprovada pelo União, Bombeiros e Cinco de Outubro.

Em virtude de não ter sido aprovada aquela moção, o Delegado do União pediu, ao presidente da Assembleia, para mandar lavrar na acta o seu mais vivo protesto.

O Santa Clara regeu e conseguiu acumular pontos.

No Victoria — Os melhores foram Brandão e Manoel Pinto.

No Santa Clara — Leite evidenciou-se.

Arbitrou Rosa Gomes.

F. G. brão.

Atleta quiz assistir a esta assembleia para mais conscientemente cumprir a sua missão de bem informar o público. Foi para ela sem qualquer simpatia clubista preconcebida, nem com qualquer antipatia previamente tomada. Foi, não como órgão de desporto académico que é, mas como órgão de desporto coimbrão que também quer ser.

Claro, que quando para lá foi, levava a sua ideia formulada a respeito do assunto que se ia discutir.

Leu atentamente os regulamentos, a decisão da Direcção da A. F. C., e o boletim do árbitro: além disso assistiram seus redactores ao desafio de Académica-União e tem por norma ser justo e imparcial nas suas conclusões.

O União não tinha razão: nem à face da lei, nem à face dos factos.

A lei é expressa neste caso: o *penalty* foi bem marcado, a indisciplina, a falta de compostura moral do União foi notória.

O que elle tinha de fazer era submeter-se à deliberação da Direcção da A. F. C. sem o mais pequeno protesto, sem pretender discutir mais um assunto que envergonha qualquer club.

Mas não! Cego pelo seu faciosismo irritante, quiz ter força e impou com discursatas balofas, sessões solenes, homenagens a jogadores e etc... E aconteceu o caso da rã da fábula; tanto inchou que rebentou.

Foi feliz, somente numa coisa; mandou um delegado à Assembleia, inteligente, honesto e educado. Mas, quando a razão falta, não há talento e habilidades que a supram.

Discutiu com calor, com inteligência... enfim, com desporto.

Pena foi não haver réplica às suas apreciações, pois só de uma vez ou outra, os srs. Dr. José Saraiva e José Campeão se levantaram para o impugnarem, aliás com a mesma inteligência e desporto.

A sua moção não podia ser aceita: Era ilegal, ilógica, absolutamente desprovida de bom senso e de justiça.

Um reparo somente para finalizarmos esta crónica: Não gostamos de ver os aficionados ao União, em atitudes pouco desportivas, por mais de uma vez, dirigirem ditos e graças a quem nessa assembleia só tinha por fim: contribuir para o prestígio do desporto coim-

A despedida do Dr. Antonio Lopes Guerra

No momento em que Antonio Lopes Guerra faz a sua despedida oficial da Associação Académica, pedem-me algumas palavras acerca da sua personalidade. E' com enorme prazer que o faço, pois é sempre grato ao meu espirito, ter-lhe louvores e ao falar deste amigo só terci que dizer bem.

Antonio Lopes Guerra, estudante que foi da Universidade de Coimbra, é uma pessoa que na vida só tem conquistado amigos e simpatias, mantendo invariavelmente uma linha de conduta bem recta, própria dum homem bem digno.

Por estas razões e por outras de que adiante falarei, de Guerra só se poderá dizer bem.

Uma só falta cometeu o amigo e para com a A. A. Foi ter sido bom estudante, levando o curso direito, sem uma reprobção e formando-se no apogeo da sua carreira desportiva.

Mas se esta falta é muito grave, devemos ao mesmo tempo rejubilá-lo, porque isto é um exemplo flagrante a apontar aos papás inimigos do sport, para lhes provar que o pontapé na bola não rouba tempo aos estudos.

E o Guerra amigo, que vai abrir consultório nos confins do Alentejo, teve tempo para isto e para muito mais...

Os seis anos que vivem em Coimbra viveu-os bem. A par de foot-ballista, foi bom estudante, amou com paixão e fervor próprios dos seus vinte anos, soube ser boémio e perdeu muitas noites a ouvir cantar o fado. Bebeu vinho quando foi necessário e chegou a ir bater com os ossos á esquerda... Mas isto faz parte da vida dum académico que se presa e Guerra foi um espirito académico na verdadeira acepção da palavra.

Foi e é, porque ainda hoje que já está com o pé no estribo do comboio, com bilhete comprado para o torrão natal, se fôsse necessário, Ele ainda se prestava a ser o mesmo, a fazer uma perninha no grupo da A. A. se quizessemos... Oxalá que o bilhete que

comproa seja de ida e volta, porque fica em Coimbra muita gente á sua espera...

Conheci o Dr. Guerra lá no Baixo Alentejo, onde tínhamos as nossas casas. Eu aproveitava as férias para fazer foot-ball. Ele, que tinha a sua casa no campo, passava-as pelos montes, á caça



das perdizes, montado em cavalos de mau génio. Lembro-me que dama vez, uma dessas pilecas mal intencionadas, atirou-o a distância e quebrou-lhe a cabeça em sete sitios!...

Mas o Guerra já nesse tempo era valente e como não pode mandar pôr uma cabeça nova, como qualquer pessoa faz a um dente quando o quebra, mesmo de cabeça rachada, não deixou os cavalos em descanso...

Quem me diria que este moço fransino mas corajoso, que conheci na infância, queimado pelo sol dos campos e era o cabelo ao vento (já nesse tempo tinha umas lindas ondas) viria a ser falado nos jornais...

Chegou a Coimbra e quiz jogar foot-ball.

Alinhou já no Paço d'Arcos mas não tinha pretensões. Qualquer categoria lhe servia. Afinal, com toda a sua modéstia, ingressou no 1.º team onde joga seis épocas e ao partir deixa o lugar vago...

Mas eu não quero aqui referir-me ao foot-ballista. O Guerra da bola, todos admiraram a sua classe e sobretudo á sua vontade de ferro, á sua alma, e á sua fé. Chegava a ser comovente ver o entusiasmo que panha na luta, a maneira como dava generosamente toda a sua energia, sem um desfalecimento. O que me interessa sobretudo, é o homem, o amigo e o caracter integro que soube ser, qualidades que lhe ganharam uma simpatia anânime.

Sem desprimor para todos os seus colegas eu atrevo-me a apontá-lo como o maior exemplo de dedicação que conheci dentro da Associação Académica de Coimbra.

Nunca teve um amão, nunca teve uma zanga, uma exigência. Leal franco, alegre por temperamento mas nearasténico nas horas vagas, (que foram poucas).

António Lopes Guerra vai deixar saudades em toda a família académica. Ele sabe-o bem. Tive ocasião de o constatar, pelo respeito com que as suas palavras foram escatadas no banquete que lhe oferecemos e pelos aplausos que lhe foram dirigidos. Aplausos francos, com que a rapaziada académica soube premiar o esforço de alguém que deu toda a energia da sua mocidade em prol dum obra que é de todos nós: A Associação Académica. Quem o não conhecesse e o tivesse ouvido falar naquela noite, poderia logo afirmar:

«O Guerra é uma grande alma».

Pois é essa grande alma, esse grande amigo, que acaba de concluir a sua formatura em Medicina, deixando por isso Coimbra.

A Academia, reconhecida pelos seus serviços desinteressados, homenageou-o.

Para o seu temperamento sentimental, esta manifestação deve ter sido bastante agradável e tenho a certeza de que a ideia académica, há muito arreigada na sua personalidade, já mais se extinguirá.

Nesta hora em que lhe faltam as forças para nos dizer adeus, interpretando o sentir de todos os seus amigos, abraço-o mais uma vez, fazendo votos para que a vida futura lhe decorra tão bem como decorreu a vida académica.

Bôa viagem...

ARMANDO SAMPAIO

ACADEMICOS

Comprai as vossas

Camisas

Peúgas

Luvas

e demais

artigos

na acreditada casa

João Mendes, L.^{da}**Farmacia do Castelo**

Telefone 183

COIMBRA

SECÇÃO CIRURGICA

MOBILIARIO

Mezas de operações, Mezas de pensos, Irrigadores de columna, Lavatórios, Armários para ferros, Estufas para ferros e Bancos rotativos

INSTRUMENTOS DE CIRURGIA

Depósito de material cirurgico importado directamente das principais fábricas de França e Alemanha, Sempre Novidades

ELECTRICIDADE MEDICA

Aparelhos de raio X, de diatermia, de raios ultra violetas, de raios infra vermelhos e Lampadas Solux

MECANOTERAPIAAparelhos da casa Rossel Schwarz & C.^a

Preços de absoluta concorrência com as casas Lisboa e Porto

Suisso Atlântico HotelPreferido por todos os des-
portistas e Académicos
de Coimbra

Cosinha higiénica

e

Quartos esplendidos

Preços especiais para grupos excursionistas

RUA DA GLORIA, 3 — LISBOA**CASA HAVANESA**

DE

Cardoso & C.^o, Suc.^{or}

COIMBRA

Tabacaria, Papelaria, e Objectos de Escritório
Artigos de pintura, Desenho Estampas e MoldurasCompleto sortido em m^aquinas e mais
acessórios para fotografia e de todos
os artigos para desportosFazem-se todos os trabalhos de fotografia para
amadores

Bilhetes de visita, Participações de casamento, etc.

O CALÇADO

TRIUNFO

E

CRISTAL

É O MELHOR DE TODOS

Antiga Casa FOX

Rua Visconde da Luz, 52

COIMBRA

FOOT-BALL

CAMPEONATO DE COIMBRA

Sport 2 Santa Clara 2

O cartaz de hoje, pobre a pesar de tudo, teve porém a valorizá-lo a agradável actuação da Académica defrontando o Nacional.

Ainda este ano não tínhamos assistido a um jogo de campeonato, em que um «onze» se exhibisse com tão completo agrado dos seus «supporters».

A Académica, jogando nam perfeito à vontade, impoz o seu sistema e ao fim de quarenta e cinco minutos tinha já no seu activo cinco goals, alguns de esplendida execução.

O empate do Sport com Santa Clara, constituia a surpresa que maior seria se os alvi-negros defendessem com brio a chance de dois goals que mantiveram largo tempo.

Valha a verdade que o Sport também não mereceu sair derrotado da contenda...

A partida começou em familia, com os teams assim alinhados:

Sport: F. Alves, Ninito e Raul, Rocha, Necas e Pio, Oliveira, Constantino, Luciado, Mignel e Aarão.

Santa-Clara: Pedro, Arlindo e Bernardino, Barreira, Brandão e Martins, Marques, Mictor, Mogofores, Necas e Castódio.

Falhas sensíveis a de Pinto no Sport e Simão no Santa Clara.

De principio os rapazes de além-río alinham com 10 elementos. Isso porém não impede que a pouco tempo de jogo Marques aproveitasse uma má blocagem de F. Alves e na recarga fizesse o primeiro goal.

Pouco depois uma saída em falso do guarda-rédes do Sport em tarde pouco segura — deu ocasião a que Mictor aumentasse o activo do seu club.

O Santa Clara mostra vontade de dominar, colocando os rapazes do Arnado em condições embaraçosas.

Na «reprise» a «sorte do jogo» andou e o Sport que tinha acabado os primeiros 45 minutos com uma desvantagem de um goal, conseguiu empatar e só não ganhou porque o árbitro lhe invalidou um ponto bem obtido.

Distinguiram-se pela Sport, Aarão, Ninito, Miguel, Rocha e Necas (este pela costumada vio-

lencia); pelo Santa Clara, Pedro Martins, Brandão, Castódio. Necas demasiado pessoalista, prejudicou o team.

A arbitragem a cargo de Vasco Ataíde irregalar e poace feliz.

Académica 10 Nacional 1

O onze nacionalista que merecedam notavel entusiasmo e habilidade de alguns dos seus «players» se impoz ha algumas semanas ao União (que conseguia apenas uma escassa vitória de 2 goals) succumbiu desta vez com facilidade perante a melhor técnica dos Academicos, hoje o melhor onze de Coimbra.

A partida teve fazes bonitas, dominando a Académica todo o tempo.

Rai, em grande dia, foi o verdadeiro animador do ataque, fazendo alguns «goals» de boa marca. Albano nos médios, mais conhecido do que nunca das exigencias do logar, alimentou constantemente o seu «trio» de ataque a quem se ficaram devendo as as mais bonitas jogadas do encontro.

Um estapido acidente, quando o resultado estava já em 5 a 0, veio tirar um pouco de entusiasmo e confiança aos jogadores nacionalistas:

Dias ao pretender defender é apertado por Mário Canha.

Este escorrega e embralha-se com aquele, caindo os dois. Do choque resaltao ficar seriamente maguado nama clavicula o keeper do Nacional, logar sendo substituido por Ilidio.

A segunda parte, tal como a primeira, decorrea para os academicos com a mesma vantagem e regularidade. Outros 5 goals obtidos com relativa facilidade, até que... a poucos minutos do fim Cristovão provoca um canto que marcado por Pedrosa é bem aproveitado por Carranca para salvar a honra do convento.

Os grupos formaram assim:
Académica — Abreu, J. Soasa e Cristovão; Camarate, Albano e Tara; Portugal, Isabeliba, Rai, Ladeira e Mario.

Nacional — Dias; Afonso e Roldão; Ningre, Nardo e Ilidio; Vasconcelos, Carranca, Pedros e benedito e Artur.

Assobia-se

— Que o árbitro do ultimo Académica-União, não as «cortou» tanto quando est-ve para cair da ponte abaixo, como nestes ultimos quinze dias...

— Que por causa daquele encontro já não há «ônias» entre certos jornais cá da terra...

— Que o F. S. é o bola de neve...

— Que o Dr Saraiva mandou fazer um espartilho especial para amolgar a fizionomia das banhas.

— Que o José Viana — presidente do União — pediu para ser admitido sócio honorário da Associação Académica...

— Que Tip-Top não pertence aos «Ónides», mas faz-se para presidente do União.

— Que Carlos Piedade disse na Assembleia Geral que o Dr. (?) José Viana perdeu uma boa ocasião de estar calado...

— Que este não a achou — à ocasião, é claro — porque levava uma pipa no buxo e uma garrafa das pequenas no bolso do sobretudo...

— Que o «espaldão» do Veneno bateu o record da «bacorada» nessa assembleia geral...

— Que para informar do resultado do inquerito, o Mater's Voice unionista contratou bastas telefonistas...

Marcadores de «goals»: Rai (4) Portugal (4), Mario (2) e Isabelinha.

A arbitragem que a pedido dos capitães e na falta de Luiz Lucas esteve a cargo de Ramires B. de Almeida, imparcial.

Em categorias inferiores houve os seguintes resultados:

2.^ª categorias — Sport 5 — Santa Clara 0.

A. Académica 6 — Nacional 1
Reservas — Sport 5 — Santa Clara 1.

A. Académica 5 — Nacional 1

A. Ferretra

Fora de Coimbra

RESULTADOS DE LISBOA

Benfica, 7 — Olhanense, 4
Belenenses, 1 — União, 0
Sporting, 7 — Selecção de Evora, 0
Selecção de Setúbal, 1 — Selecção do Porto, 0.

UNIÃO EM VIZEU

Saiu vitorioso o União por 2-1